

Reis, Mateus Fávaro

O Chile dos apristas: Exílio, mercado editorial e atuação política [1930-1945]

II Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX

5, 6 y 7 de noviembre de 2014

CITA SUGERIDA:

*Reis, M. F. (2014) O Chile dos apristas: Exílio, mercado editorial e atuação política [1930-1945] [en línea]. II Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX, 5, 6 y 7 de noviembre de 2014, Montevideo, Uruguay. En Memoria Académica. Disponible en:
http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3981/ev.3981.pdf*

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar> <http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5



O Chile dos apristas: exílio, mercado editorial e atuação política (1930-1945)

Mateus Fávaro Reis

Prof. Dr. da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

mateusfav@hotmail.com

Autoriza publicación

Introdução

Ercilla foi fundada por jovens intelectuais que aspiravam ocupar um espaço de destaque tanto nos cenários políticos quanto culturais do Chile, onde ocorreu um fecundo cruzamento de intelectuais chilenos e exilados peruanos para a consolidação da editora e do semanário, durante a rápida expansão de suas atividades.

A editora *Ercilla* foi fundada em abril de 1932, com uma atuação fundamentalmente relacionada à edição, em pequena escala, de livros. Para promover a sua expansão, a editora chilena, dirigida pelo exilado argentino Laureano Rodrigo, decidiu publicar um boletim literário mensal para promover o mundo das letras e, em particular, as obras que saíam com o selo de *Ercilla*, a partir de abril de 1933. Com o passar do tempo, o boletim literário enriqueceu-se com matérias informativas e crônicas, ampliando seu leque temático. Em 1936, passou a ser publicado como um semanário.

Além disso, os integrantes da *Alianza Popular Revolucionaria Americana* (APRA),¹ Luis Alberto Sánchez, Manuel Seoane e Ciro Alegría, para nomear os mais importantes, somaram-se ao grupo de *Ercilla* e desempenharam atividades de destaque no mercado editorial e jornalístico do Chile. Sánchez incorporou-se à editora como vice-diretor, em dezembro de 1934, foi um de seus principais tradutores e promoveu a publicação de diversas

¹ A fundação do APRA foi liderada pelo peruano Víctor Raúl Haya de la Torre, quando se encontrava exilado no México, em 1924. A linha norteadora desse importante movimento político-intelectual do Peru foi o indo-americanismo e seus principais objetivos foram a luta contra o imperialismo dos EUA, a unidade política da América Latina ou Indo-América, a nacionalização de terras e de indústrias, a internacionalização do Canal do Panamá e a “solidariedade com todos os povos e grupos oprimidos do mundo”. Em 1931, o APRA transformou-se no Partido Aprista Peruano (PAP). Cf. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *El antiimperialismo y el APRA*. Santiago: Ercilla, 1936, p. 33-41.

obras dos exilados do APRA. Já Seoane, que viveu muito tempo na Argentina, antes de se mudar para o Chile, passou a ser o diretor do semanário, em abril de 1937, enriquecendo-o com um olhar assíduo sobre a realidade política e cultural latino-americana, até 1945, quando foi substituído pelo jornalista chileno Julio Lanzarotti.

Vários escritores chilenos participaram da edificação de *Ercilla*, que, ao lado de *Zig-Zag*, ampliou o mercado livreiro do Chile durante a denominada “época de ouro” das edições no país sul-americano.² Somente para citar os nomes mais conhecidos, Pablo Neruda, o ensaísta Benjamín Subercaseaux, o escritor Joaquín Edwards Bello e José Donoso teceram expressivos vínculos com a editora e também com a revista *Ercilla*.

Revista e editora *Ercilla*: um oásis para os exilados apristas no Chile?

Não existem muitas fontes para abordar as relações entre os exilados apristas no Chile e os projetos editoriais de *Ercilla*, a não ser a partir dos exemplares do semanário e de algumas obras de memórias publicadas por Luis Alberto Sánchez, como *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, escrita na primeira metade dos anos 1970 e publicada pela primeira vez em Lima, pela *Editoriales Unidos*, em 1977.³

Sánchez escreveu *Visto y vivido en Chile* a pedido de seu amigo Pablo Neruda, quando se reencontraram em Lima, no início de 1970. O peruano recordou alguns momentos dessa amizade baseada nos laços de leitor e editor que existiam entre eles, pois possuíam divergências irreconciliáveis, baseadas nas críticas de Sánchez ao ideário comunista.⁴

O texto precisa ser visto em sua natureza, como obra de memórias que, ao representar 40 anos de vida, mesclou experiências individuais e coletivas. Em relação aos primeiros capítulos da obra, Sánchez urdiu sua narrativa cerca de 40 anos após os fatos terem transcorrido. Tempo longo o bastante para o vivido se tornar um caleidoscópio de

² SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile, 1930-1950. In: *Revista chilena de literatura*, Santiago, n. 72, p. 221-233, abr. 2008; Idem. *Historia del libro en Chile: desde la Colonia al Bicentenario*. 3ª ed. Santiago: LOM Editores, 2010, p. 133-176.

³ A obra recebeu três edições até os dias de hoje: em 1977 e 1990, no Peru, por *Editoriales Unidas* e DESA; em 2004, pela chilena *Tajamar Editores*. No prólogo à segunda edição – base da edição chilena –, Sánchez afirmou que, devido a alguns problemas na primeira edição, foi “o primeiro inimigo de sua circulação”. Cf. SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*. Santiago: Tajamar Editores, 2004, p. 17. Seria importante comparar a primeira edição de 1977 com a chilena de 2004, mas, devido a vários fatores, não consegui uma cópia impressa da primeira edição peruana, para cotejá-la com calma e atenção.

⁴ Cf. *Ibidem*, p. 15.

imagens, de lembranças e também de quimeras. E o intelectual peruano sabia disso, pois evidenciou, ainda que de forma breve, as dificuldades em escrever sobre o passado a partir das fugidias memórias:

Comecei várias vezes a compor estampas daquela época. Não fiquei satisfeito. A versão atual não é ainda totalmente satisfatória, mas não posso lutar contra o tempo. Sinto-me atraído ao abismo dentro de um caldeirão de águas turvas, águas agitadas, em um vértice inexorável.⁵

Como interpelar a narrativa fronteiriça de Sánchez, entre a memória e o testemunho?⁶ Qual é o seu valor como fonte para o historiador e quais são as respostas que podem ser construídas a partir do seu exame? O problema se estrutura a partir do momento em que o leitor cria uma expectativa de receber narrativas comprometidas com a realidade tanto por parte da história quanto dos relatos testemunhais. Para tornar o quadro mais complexo, Sánchez entrecruzou aspectos de sua memória individual com a memória coletiva do exílio aprista. Finalmente, o seu papel de intelectual privilegiado na República das Letras não permite tratá-lo como um marginalizado na luta pelo poder, mesmo ao falar em nome de seus compatriotas exilados.

Para os propósitos deste trabalho, mais interessante do que pensar na assaz problemática questão de se separar o mundo da realidade ao da imaginação, é conseguir promover um diálogo entre o discurso histórico e a narrativa memorialística e testemunhal de Sánchez. Em perceber que há uma temporalidade específica de ambas as narrativas e que não há oposição entre elas.

Sánchez escreveu um capítulo intitulado “Lenda e realidade da editora *Ercilla*”, e afirmou que ela representava um “oásis” para os exilados peruanos. Um local de “trabalho,

⁵ *Ibidem*, p. 22.

⁶ As memórias de Sánchez se enquadram no tipo da anamnese focado por Sandra Jatahy Pesavento. Ela consiste num trabalho de busca deliberada pelas lembranças passadas. Segundo Pesavento, há que se colocar em questão o tempo transcorrido entre o vivido e o momento da rememoração. Nesse processo, o indivíduo que recorda muda algumas concepções em função de seu amadurecimento. Seu olhar já não é mais o mesmo sobre as situações vividas anteriormente. Ele mescla sua memória com a memória social. Os indivíduos aprendem que algumas coisas devem ser rememoradas, outras nem tanto. Aprendem a selecionar. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 94-96. Para uma breve e heterogênea introdução ao tema, consultar: ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002; BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (Comps.). *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. 2ª ed. Guatemala: Universidad Rafael Landívar, 2002; MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción. Testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: *Políticas de la escritura en América Latina. De la colonia a la Modernidad*. Caracas: Ediciones Escultura, 1997, p. 113-150; NARVÁEZ, Jorge (Ed.). *La invención de la memoria*. Santiago: Pehuén, 1988; SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

cordialidade e apoio intelectual”, que foi cultivado, segundo o intelectual peruano, com a sua incorporação à editora, ao lado do diretor argentino, que era casado com uma peruana e com quem havia trabalhado em Lima, Laureano Rodrigo, e com o apoio financeiro do “liberal” chileno Ismael Edwards Matte, que também atuava como redator da revista *Hoy*, pertencente ao grupo *Ercilla*.⁷ Assim, o empreendimento, inicialmente editorial, contou com a participação de personagens da Argentina, do Chile e do Peru. De forma convergente, a equipe responsável pela publicação do semanário *Ercilla* estava composta por chilenos, peruanos e espanhóis.

Com um tom crítico e irônico, Sánchez assinalou que “a atribuição dos chilenos contra *Ercilla* de que parecia uma editora peruana, não carecia de base, ainda que estivesse carregada de mesquinhez e exagero”. Se, de um lado, *Ercilla* publicava diversas obras escritas pelos integrantes do APRA, de outro, a editora “limitou-se a dar trabalho a um grupo de peruanos eficientes que rendiam mais que ninguém, pelas próprias circunstâncias em que se achavam, e que aceitavam salários inferiores à sua dedicação. Entretanto, não se sentiam explorados”.⁸

De início, pode-se perceber que Sánchez procurou ressaltar as dificuldades enfrentadas pelos exilados peruanos, ao enfatizar um ambiente em que ainda ressoavam os ecos das batalhas que envolveram o Chile e o Peru a partir da Guerra do Pacífico (1879-1883).⁹ Como relatou Sánchez em seu “prelúdio necessário”, ele havia crescido “como todos de [sua] geração, no reiterado culto de rancor contra aquele país. Chileno e bandido eram sinônimos”.¹⁰ Contudo, antes do exílio Sánchez havia entrado em contato com alguns

⁷ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 57-58.

⁸ *Ibidem*, p. 59.

⁹ De forma bem resumida, o conflito, também denominado de “Guerra do Salitre”, envolveu o Chile, o Peru e a Bolívia numa disputa pelo território, situado entre os três países, que crescia em importância econômica pela exploração do guano e do salitre. O Chile lutou contra a aliança entre o Peru e a Bolívia e, ao final, incorporou a maior parte do território em disputa, como as regiões de Arica e Antofagasta. Algumas ações chilenas foram duramente condenadas pelos países derrotados. A partir de então, as relações entre o Peru e a Bolívia com o Chile passaram por inúmeros problemas. Somente foi assinado um acordo entre o Chile e o Peru em 1929, quando foram fundadas embaixadas recíprocas em Santiago e em Lima. A despeito disso, o Chile, seguido do México e da Argentina, tornou-se o principal porto de acolhida dos milhares de exilados peruanos que criticaram e combateram os governos de Augusto Leguía (1919-1930), Luis Sánchez Cerro (1930-1933), Óscar Benavides (1933-1939) e Manuel Prado (1939-1945). Cf. CAVIERES FIGUEROA, Eduardo. *Chile-Perú, la historia y la escuela. Conflictos nacionales, percepciones sociales*. Valparaíso: Ediciones Universitarias, 2006; CONTRERAS CARRANZA, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporáneo. Desde las luchas por la independencia hasta el presente*. 4ª ed. Lima: IEP, 2007, p. 162-169.

¹⁰ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 27.

oficiais chilenos e organizado uma seção de livros chilenos na Biblioteca Nacional de Lima, enquanto exercia o cargo de subdiretor, na segunda metade dos anos 20.¹¹

Segundo Melgar Bao, o Chile acolheu cerca de 400 exilados apristas, entre 1934 e 1945. Nos anos 20 e parte dos anos 30, o México – onde fora fundada o APRA por Víctor Raúl Haya de la Torre, em 1924 – ao lado da Argentina, com o aprista Manuel Seoane – havia sido o principal centro de recepção de exilados. Contudo, o Chile adquiriu um lugar de destaque na (re)construção de uma rede intelectual aprista em toda a América Hispânica, sobretudo durante as décadas de 30 e de 40.¹²

O papel de liderança propagandística e intelectual no Chile foi assumido por Sánchez, que possuía relações bastante estreitas com Haya de la Torre. Pouco depois, chegou Manuel Seoane, oriundo de Buenos Aires, o que reforçou o lugar do Chile na história do APRA. Para Melgar Bao, a ida dos exilados para o Chile vinculava-se a uma aposta pela via insurrecional que se forjaria a partir do sul do Peru.¹³

No entanto, a explicação de Sánchez sobre o motivo que o levou a Santiago foi bem menos ativista. Ele relatou que tinha conhecido Laureano Rodrigo em Lima, na agência de anúncios e editora de revistas *The International Publicity Company*, onde havia sido secretário e o argentino, gerente. Após enfrentar problemas financeiros como chefe de uma empresa de venda de terrenos, Laureano Rodrigo foi com a família para o Chile e deixou Sánchez como seu advogado no Peru. Depois de assumir a direção da ainda pequena e recém-criada editora *Ercilla*, Laureano Rodrigo convidou Sánchez para participar de sua empreitada:

Rodrigo sabia que eu fui desterrado, em 1932, e conhecia minha afeição aos livros. Escreveu-me, então, pedindo a minha ajuda para a organização de uma coleção que intitularia América, bem como que lhe conseguisse livros meus e de outros. É assim que lhe enviei os originais do romance *Duque de*

¹¹ Posteriormente, em 1930, fez sua primeira viagem ao vizinho do sul, a convite da Universidade do Chile, para realizar três conferências sobre literatura peruana. Esta viagem lhe proporcionou um encontro com a aprista Magda Portal, que estava no Chile por uma curta jornada e o conhecimento do escritor chileno Joaquín Edwards Bello, que havia levado Sánchez para conhecer a “verdadeira” Santiago, fora dos círculos oficiais, desde o mercado central até os bairros menos centrais. Sua impressão naquele momento foi a de que o Chile vivia um processo de “ascensão cultural”, em que a ditadura de Carlos Ibáñez não podia durar, pois “inteligência e franqueza rechaçavam a autocracia deprimente”. Cf. *Ibidem*, p. 32-38.

¹² MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Vol. 2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 155. Ver também: MELGAR BAO, Ricardo. *Redes e imaginario del exilio en México y América Latina: 1934-1940*. Buenos Aires: Ediciones Libros en Red, 2003.

¹³ MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile, p. 151.

José Díez Canseco e meus livros *Panorama de la literatura actual* e *Haya de la Torre o el político*. Os três apareceram na segunda metade de 1934. Eu sairia deportado novamente no dia 04 ou 05 de dezembro desse ano rumo ao sul.¹⁴

Sánchez começou a trabalhar na editora chilena no dia 15 de dezembro, como chefe de propaganda e assessor literário, com um salário de 1.500 pesos por mês. Disse que precisava fazer ainda duas traduções por mês e outros escritos para equilibrar o orçamento mensal.¹⁵

Sánchez também assinalou que a participação de alguns espanhóis no projeto tanto da revista quanto da editora, a partir de finais de 1935, cultivou um importante terreno para expandir as notícias da Guerra Civil Espanhola e ampliar a campanha a favor dos republicanos que lutavam contra as milícias franquistas.¹⁶

De um lado, Sánchez, nucleou as atividades da editora. De outro, a chegada de outro exilado aprista peruano, Manuel Seoane, foi responsável pela consolidação do semanário. Seoane encontrava-se em Buenos Aires e se dirigiu para Santiago com o intuito de consolidar as atividades editoriais dos exilados peruanos no Chile. Para Sánchez, Seoane foi o verdadeiro personagem que havia transformado *Ercilla* de uma “esquálida” revista em um grande semanário, ainda em 1936 [sic]. Mas, segundo afirmação, de 1963, do colunista chileno Luis Hernández Parker, em 1963, o contrato de Seoane com a revista havia sido assinado somente em 1º de abril de 1937, quando, no entender de Hernández Parker, a revista ainda “era um catálogo bastante completo dos livros que publicava a editora *Ercilla*. Preços e biografias de autores estrangeiros e chilenos. Condições de pagamento. Bem dirigida pelo espanhol [sic] Laureano Rodrigo [...]”.¹⁷

A despeito das diferenças de datas, pode-se afirmar que a revista a defesa dos republicanos espanhóis, dos perseguidos no Peru e da luta antifascista. Pode-se afirmar, para retomar algumas questões colocadas por Sánchez, que *Ercilla* foi um empreendimento

¹⁴ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 49-50. Ele continuou o relato e afirmou que um parente do ditador Benavidez o visitou no calabouço onde estava preso, no dia 04 de dezembro de 1934, para lhe informar que seria “fretado”. E lhe perguntou para onde queria ir: para o norte ou para o sul? Como Sánchez já havia organizado o trabalho com Rodrigo, disse que queria ir para o norte. Finalmente, lhe enviaram para o sul com a esposa e seus quatro filhos, ao lado de mais ou menos doze conhecidos – Ciro Alegría e Carlos Manuel Cox, entre eles.

¹⁵ *Ibidem*, p. 51.

¹⁶ *Ibidem*, p. 126.

¹⁷ HERNÁNDEZ PARKER, Luis. Manuel Seoane. Y al 7º día hizo *Ercilla*. *Ercilla*, ano XXIX, n. 1.479, 25 de set. 1963, p. 16.

editorial e jornalístico peruano? Além disso, o semanário foi uma publicação aprista no Chile? Não para o memorialista, que se mostrou sensível à complexidade da situação dos exilados. Por um lado, enalteceu suas qualidades individuais e coletivas, o desejo de reconstruir suas vidas, de buscar a incorporação na sociedade de recepção, mesmo que provisoriamente, de demonstrar gratidão pelo acolhimento. Por outro, salientou as incertezas que pairavam no horizonte:

O trabalhador no desterro é o que mais se aproxima do ambiente do século anterior. Insensivelmente ele sofre os efeitos da irremediável tendência humana a explorar os outros em proveito próprio. Em *Ercilla*, entretanto, não havia exploração. Recebíamos um pouco menos da medida habitual, mas, ao longo do tempo, os salários nivelaram-se. Os chilenos trabalhavam menos e recebiam mais. Isso nos parecia normal. Minha jornada de trabalho representava dez horas; a de Pérez Treviño, frequentemente, doze.¹⁸

O quadro pintado por Sánchez valorizou o esforço e a dedicação dos exilados para a construção de *Ercilla*, mesmo que a retribuição financeira fosse considerada parcialmente injusta por alguns deles. Contudo, na condição de “desterrados”, o seu poder – não a capacidade – de negociação via-se restrito. Assim, sobressaiu uma espécie de triunfo moral dos exilados em uma sociedade que habitualmente se representava como superior aos vizinhos do norte.

Ainda em relação às dificuldades do exílio, Sánchez realçou os esforços de Manuel Seoane à frente da revista *Ercilla*, após se radicar no Chile, em fins de 1936, oriundo de um longo exílio na Argentina. Salientou que ele próprio tivera que traduzir inicialmente dois livros por mês e depois dois livros a cada três meses.¹⁹ Argumentou que compreendera, desde o princípio, que nunca deixaria de ser estrangeiro e que não ganharia a simpatia de muitos escritores chilenos. Como destacou Edward Said, “os exilados olham para os não exilados com ressentimento. Sentem que eles pertencem a seu meio, ao passo que um exilado está sempre deslocado”. Eles buscam “compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo

¹⁸ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 60.

¹⁹ *Ibidem*, p. 60.

para governar”.²⁰ Podem fermentar seus ambientes, mas não se pode ficar indiferente à dramaticidade do deslocamento, do não pertencer a certo local.²¹

Não obstante, como salientou Todorov, o homem desenraizado tem a possibilidade de conseguir superar esse ressentimento, o que lhe abre novos horizontes permeados pela curiosidade e pela tolerância. Com isso, ele pode passar a difundir um efeito enraizador ao seu redor.²² Para interpretar as memórias de Sánchez, também é importante pensar, conforme Ángel Rama, a respeito da “arriscada navegação do escritor exilado”. Para Rama, as obras dos escritores exilados possuem em seu horizonte três públicos distintos. O do seu país, o do país de acolhida e o de seus compatriotas exilados. Além disso, é muito comum o escritor exilado escolher o gênero ensaístico, uma vez que ele proporciona uma maior flexibilidade para os três públicos ao mesmo tempo.²³

No caso das memórias de Sánchez, é importante observar que ele possuía esses públicos em seu horizonte, ainda que as tenha escrito posteriormente ao exílio. Em primeiro lugar, ele precisava descrever para os peruanos, apristas ou não, sobre a experiência do exílio, bem como ressaltar as dificuldades em se lutar desde outro país. Em segundo lugar, como lhe havia pedido Neruda, era preciso relatar aquela experiência também para os chilenos, o que o levou a redimensionar tanto as disputas, problemas e lutas contra os preconceitos, quanto as conquistas alcançadas em território estrangeiro. Em suma, Sánchez necessitou entrecruzar sentimentos de crítica e de gratidão em relação aos chilenos, o que não é uma tarefa tão simples assim. Finalmente, suas memórias foram escritas para os exilados remanescentes, que voltaram em sua maioria ao Peru, em meados da década de 1940, mas que tiveram que sair novamente, entre 1948 e 1956, durante o governo de Manuel A. Odría.²⁴ Ainda que centradas em sua experiência, Sánchez buscou falar por todo um vasto grupo que precisou aprender a reconstruir suas vidas em um país que até então era visto como hostil.

²⁰ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 54.

²¹ *Ibidem*, p. 56.

²² TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 27.

²³ RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, p. 100, mar.-abr. 1978.

²⁴ Sobre as mudanças nos rumos da política peruana, com a implementação de projetos políticos modernizadores e reformistas, mas que não deixaram de perseguir líderes políticos opositores, ver: SOARES, Gabriela Pellegrino. *Projetos políticos de modernização e reforma no Peru: 1950-1975*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

Em sua balança, ocorreu o cruzamento entre memória individual e coletiva ao argumentar que seus oponentes mais ativos ocupavam os dois extremos do cenário político-cultural chileno e peruano. Os ataques, assim, vinham de um lado, pelos oligarcas e conservadores; de outro, pelos comunistas. Quais eram as críticas, segundo o autor aprista? Infelizmente, Sánchez não fez uma análise sobre essas críticas, particularmente em relação aos comunistas, provavelmente porque elas deveriam ser bastante conhecidas por seu público leitor ou porque ele não julgou necessário detalhá-las naquele momento.

A respeito das críticas oriundas dos grupos vistos como oligarcas, e certamente conservadores, é possível pinçar um exemplo mencionado pelo autor, ao discutir a posição dos apristas na formação da Frente Popular. Segundo Sánchez, um artigo de Manuel Vega, publicado em destaque pelo jornal *El diario ilustrado*, havia acusado os apristas de interferir nas eleições presidenciais de 1938, por meio de *Ercilla*, a favor da Frente Popular, além de afirmar que os exilados peruanos seriam deportados caso vencesse Gustavo Ross Santa María. Para Sánchez, era uma ameaça “gratuita e infundada”, que não deixava outra opção aos apristas do que apoiar a formação da Frente Popular chilena. Sánchez mencionou os ataques, mas não os identificou com clareza.²⁵ Foi possível juntar algumas peças do quebra-cabeça com passagens escritas ao longo das memórias em relação aos grupos mais conservadores. Já com os comunistas, as relações eram bem mais paradoxais.

Segundo Nelson Manrique, após o rompimento com a Internacional Comunista, no começo de 1927, os apristas militaram contra os comunistas no Peru, os quais eram vistos como grandes idealizadores e polemistas, mas pouco práticos. Além disso, os apristas buscavam responsabilizar os comunistas pelas perseguições que outros grupos de esquerda sofriam no Peru. Por sua vez, os comunistas criticavam o APRA por seus pressupostos pouco revolucionários, por não ver os indígenas e proletários como os motores da luta revolucionária no Peru, por ser um movimento de “classe média”.²⁶

Em 1928, Haya de la Torre escreveu *El antiimperialismo y el APRA*, publicado por *Ercilla*, somente em 1936, mas que tinha como projeto inicial responder às críticas do comunista cubano Julio Antonio Mella. O militante cubano havia escrito um folheto bastante enfático sobre as supostas inconsistências intelectuais e políticas de Haya de la Torre e do

²⁵ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 121-122.

²⁶ MANRIQUE, Nelson. “¡Usted fue aprista!” *Bases para una historia crítica del APRA*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009, p. 61-63.

aprimismo. Escrito em meados de 1927 e após ser publicado no México, com o título irônico *¿Qué es el ARPA?*, em abril de 1928, o texto circulou em algumas revistas da América Hispânica, como em *Amauta* do Peru e *Repertorio Americano* da Costa Rica. Mella acusou Haya de la Torre de querer “descobrir” o fenômeno do imperialismo, de brilhar pelo palavrório ao lado da ausência de ações práticas, ao contrário do México revolucionário, e por enfatizar a luta anti-imperialista em termos raciais ou étnicos, mas não socioeconômicos. Além disso, Mella criticou a formação do APRA como um “partido” e propôs que os verdadeiros movimentos de massas eram representados pelo Kuo-Min-Tang chinês, o Congresso da Índia e a CROM do México. Devido a problemas financeiros e dificuldades em conseguir uma editora, além do assassinato de Mella no México – em janeiro de 1929, comandado pelo governo ditatorial cubano de Gerardo Machado –, Haya de la Torre adiou a publicação de *El antiimperialismo y el APRA*.²⁷

Segundo Melgar Bao, as tensões políticas e ideológicas entre os apristas e os comunistas se acentuaram, entre 1927 e 1935. Somente para citar um exemplo, Seoane publicou em Santiago o opúsculo de combate *Comunistas criollos: disección polémica de la charlatanería roja*, por meio do qual criticava os projetos dos comunistas como europeístas e não adequados para a América Latina. Ao lado de Haya de la Torre, Sánchez também publicou obras que combatiam os caminhos adotados pelos comunistas, como *Dialéctica y determinismo, la revolución y el individuo*, por Ercilla, em 1938.²⁸

Assim, as relações entre os comunistas e os apristas durante a formação e o governo da Frente Popular no Chile foram bastante difíceis. Os apristas se aproximaram dos socialistas e de alguns setores do Partido Radical.²⁹ Em entrevista realizada por Volodia Teitelboim para *El Siglo* de Santiago, em dezembro de 1943, Neruda reprovou a revista *Ercilla* por ter realçado sua militância no Partido Comunista. Naquele momento, ele se via como pertencente ao chamado *frentismo*. Além disso, acusou Seoane e *Ercilla* – mas não os apristas como um todo – de serem contrários à Frente Popular:

²⁷ FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*, p. 238-239. Para uma interpretação dos debates entre Haya de la Torre e Mella, consultar: TEIXEIRA, Gilberto Lopes. *Anti-imperialismo e nacionalismo: a polémica dos anos 20 na visão de Haya de la Torre e Julio Antonio Mella*. 230 f. Tese. (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, USP, São Paulo, 2001. Segundo a nota editorial de *Ercilla*, o livro poderia ser intitulado *¿Qué es el APRA?*, em evidente alusão ao folheto publicado por Mella. Cf. HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *El antiimperialismo y el APRA*. Santiago: Ercilla, 1936, p. 3.

²⁸ MELGAR BAO, Ricardo. *Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile*, p. 158-159.

²⁹ *Ibidem*, p. 159.

Não podemos, entretanto, identificar o senhor Seoane, segundo meu critério, com o partido aprista peruano.

Acredito que o senhor Seoane, refugiado político, que tem alentado, a partir de sua revista, todos os movimentos a levarem germens de divisão da Frente Popular chilena [...] sem autorização de seu chefe, Victor Raúl Haya de la Torre. Talvez o longo exílio tenha separado Seoane de seu povo, impedindo-o de ver as realidades políticas.

Aproveito esta ocasião para dizer que tenho e admiro a muitos amigos apristas, alguns dos quais trabalham destacadamente, aumentando o acervo cultural chileno.

O mais perigoso da atitude do senhor Seoane é que conturba a grande confraternidade existente entre os povos do Chile e do Peru, que desde o acordo do contestado de Tacna e Arica não foi envolvida por nenhuma diferença.

A revista *Ercilla* me disse por carta privada que se expressou bem sobre mim por 66 vezes. Menosprezo igualmente esta forma de adulação.³⁰

Em suas memórias, Neruda afirmou que somente ingressou no Partido Comunista em 08 de julho de 1945, mas que já sentia atraído por seu ideário a partir da Guerra Civil Espanhola, quando atuava como cônsul do Chile em Barcelona e apoiou os republicanos contra os franquistas.³¹ Contudo, segundo Adriane Vidal Costa, Neruda havia se tornado um intelectual comunista a partir, pelo menos, do conflito espanhol.³² Pode-se dizer que Neruda respondeu tanto ao livro de Seoane publicado em 1936 como às críticas de Seoane.

Houve vários desentendimentos políticos de Sánchez e Seoane com Neruda e demais intelectuais ou militantes comunistas chilenos.³³ Assim, as páginas do semanário não concederam espaço para as opiniões políticas de Neruda ou Teitelboim. A despeito disso, o poeta comunista publicou muitas obras pela editora *Ercilla*, no final dos anos 30, como veremos no terceiro capítulo, e o semanário apoiou, de forma muito evidente, a Frente Popular, a despeito das opiniões de Neruda.

³⁰ NERUDA, Pablo. Neruda hombre y poeta. In: *Nerudiana dispersa II (1922-1973)*. Obras completas V. Barcelona: Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores, 2002, p. 1073.

³¹ Idem. *Confieso que he vivido*. In: *Ibidem*, p. 586.

³² COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 117-118.

³³ Ao tratar sobre seus primeiros contatos com Benjamín Subercaseaux e a sua primeira obra publicada por *Ercilla*, *Chile o una loca geografía*, em 1940, Sánchez disse que ela representava em prosa o que *Canto general* de Neruda representava em verso, “mas isenta de ódio, com amor crítico”. Em seguida, Sánchez abordou as disputas entre Neruda e Seoane, “a quem acusava de haver-lhe hostilizado desde as colunas da revista *Ercilla*”. Seoane havia feito um balanço sobre Neruda. Para Sánchez, isso indicava atenção, não esquecimento. “Eu pedi que dissessem a Neruda que não contasse comigo publicamente a partir daquele momento. Não encontrou a um só aprista que fosse capaz de se solidarizar com seus ataques a Seoane, apesar de diferenças inevitáveis”. Cf. SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 178-180.

Ercilla também se envolveu em outras disputas, particularmente contra alguns críticos literários e escritores chilenos, que reivindicavam maior divulgação de obras chilenas nas páginas do semanário e nos livros da editora. Sánchez argumentou que, em conjunto com Laureano Rodrigo, havia percebido que os livros dos autores chilenos vendiam menos que os de outros hispano-americanos ou europeus. Assim, as críticas que brotavam em distintos rincões estavam embasadas, para memorialista peruano, em avaliações parciais e injustas, pois acentuavam um presumido menosprezo da editora em relação aos escritores nacionais.³⁴

No entanto, é possível concordar com Sánchez de que *Ercilla* buscou promover diversos autores chilenos, como, entre muitos outros, Pablo Neruda, Vicente Huidobro, Benjamín Subercaseaux, Fernando Santiván e Joaquín Edwards Bello. Além disso, o crítico literário Ricardo Latcham, um dos principais oponentes de *Ercilla*, no final dos anos 30, enviou algumas colaborações para o semanário durante as décadas de 40 e 50.

Para Melgar Bao, o modo de vida dos exilados flexibilizou as fronteiras entre a esfera intelectual e política no Chile, que apresentavam um ambiente favorável à ascensão de grupos que defendiam transformações a favor das camadas médias.³⁵ Além do mais, Martín Bergel sustentou que os apristas levaram para o Chile um perfil de intelectual engajado na gesta revolucionária que “deveria ser, além de um homem entregue incansavelmente à ação, alguém preparado intelectualmente para a agitação política ou para o desenho e dar a partida de programas de transformação social”. O que marcou os intelectuais apristas foi a busca em conjugar suas disposições estéticas e literárias com a militância.³⁶

Em terra estrangeira, os apristas – ao lado de exilados argentinos, venezuelanos e espanhóis – encontraram um terreno bastante fértil, pois, como sublinhou Alberto Aggio, ao endossar a interpretação de Maria Rosaria Stabili e de Eugenio Tironi, os chilenos viam

³⁴ *Ibidem*, p. 61-62.

³⁵ MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile, p. 152.

³⁶ BERGEL, Martín. La desmesura revolucionaria. Prácticas intelectuales y cultura vitalista en los orígenes del APRA peruano. (1921-1930). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*, p. 307-308.

no “Estado o artífice e a garantia da coesão social” e construíram um imaginário coletivo que enfatizou a importância da política em suas vidas cotidianas.³⁷

Todos os exilados apristas tiveram espaço em *Ercilla*? Ela realmente foi um “oásis” para os peruanos, ou alguns conseguiram uma inserção mais profunda na sociedade chilena do que outros? Segundo Manrique e Haya de la Torre, Sánchez não passou pela dramaticidade do exílio por possuir prestígio entre os círculos intelectuais hispano-americanos:

Vivia com a comodidade do catedrático reconhecido internacionalmente, estudando, publicando, viajando constantemente, desfrutando das vantagens que os militantes comuns invejavam. Uma situação que certamente estava muito distante da vivência comum dos exilados e dos humildes apristas que combatiam contra a ditadura desde a clandestinidade.³⁸

Embora seja importante tomar a afirmação de Manrique com cautela, pois estavam muito próximas das críticas realizadas por Haya de la Torre a Sánchez, não se pode negar que o editor de *Ercilla* experimentou algumas facetas do exílio bem distintas de seus contemporâneos, o que lhe valeu parte das diversas críticas que recebeu, particularmente entre os integrantes do APRA. O próprio Sánchez relatou que alugava uma casa de dois andares e cinco quartos no bairro de Providencia, em Santiago, por 500 pesos chilenos, e que recebia cinco mil pesos chilenos mensalmente por suas atividades em *Ercilla* e direitos de autor.³⁹ Não busco, contudo, a contrapelo das advertências de Said, minimizar o drama de Sánchez, pois, ainda que tenha sulcado novos mares com desenvoltura, o fato de ter que lutar pela construção de uma nova vida, longe de Lima, o aproximava dos seus companheiros.

A leitura das memórias de Sánchez não pode estar desatenta do evidente desejo do autor de imbricar sua trajetória com a dos demais exilados. Ele também buscou responder muitas críticas que recebeu e representar-se como um homem de ação. Em suma, muitos exilados peruanos, vinculados particularmente ao APRA, lidaram com a dramaticidade da vida no exílio, ao lado de alguns venezuelanos, espanhóis, argentinos e equatorianos, mas souberam trilhar caminhos, que abriram horizontes extremamente fecundos para o mundo dos impressos e das ideias no Chile e em outros meridianos da América Hispânica. No interior de

³⁷ Cf. AGGIO, Alberto. *Frente popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 34-35.

³⁸ MANRIQUE, Nelson. “¡Usted fue aprista!” *Bases para una historia crítica del APRA*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009, p. 68.

³⁹ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, p. 135.

uma situação que jamais se mostrava satisfatória e segura, desenvolveram um projeto de reconstrução por meio da vida editorial, a partir da criação e renovação de laços intra e extragrupais. Entrecruzaram suas atividades com os meios intelectuais chilenos, ao cultivar diálogos, ações em conjunto, por um lado; e muitos embates e críticas, por outro.

Como o poeta que chegou a partir do Peru e que lhe emprestou o nome, *Ercilla* enveredou-se pelas tramas chilenas e testemunhou de forma ativa as lutas pela re(construção) do Chile, criando imagens ricas em heterogeneidade. De forma paralela, renovou o cenário jornalístico e editorial do país, amparada na ideia de difusão da cultura letrada como forma de uma possível transformação tanto do Chile quanto de toda a América Hispânica.

O catálogo da editora foi bastante amplo e diverso em relação às opções estéticas e políticas, que não se encaixavam em uma suposta associação entre o empreendimento editorial de *Ercilla* e as origens de parte de seus integrantes, vinculados ao APRA e suas lutas políticas.

Se for possível concordar parcialmente com Bernardo Subercaseaux a respeito da inclusão de uma “linha de publicações americanistas”, amparada nas perspectivas orientadoras do APRA, bem mais complicado é aceitar sua afirmação de que se privilegiava a funcionalidade em desmedro da materialidade ou de que havia uma “certa reticência frente ao ‘livro esparcimento’, ao ‘livro objeto’ ou ao livro como mero entretenimento”, que muitas vezes eram propositalmente “feios”.⁴⁰

Ainda que Sánchez tenha idealizado a unidade ideológica dos apristas, dos desterrados venezuelanos e dos socialistas chilenos em suas memórias, como sublinhou Ricardo Melgar Bao,⁴¹ estruturaram-se no Chile, de fato – particularmente em Santiago e Valparaíso – importantes redes de sociabilidade das quais participaram os grupos mencionados anteriormente, bem como intelectuais chilenos não vinculados aos socialistas, além de outros exilados, como o argentino Alberto Ghiraldo e o boliviano Víctor Paz Estenssoro.⁴²

⁴⁰ SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile (1930-1950). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*, p. 572-573. O pesquisador chileno apoiou-se, em parte, na afirmação que Sánchez fez em suas memórias de que no Chile as edições eram numerosas, mas não muito bem feitas. Um argumento a favor da interpretação de Subercaseaux advém de um incomum e brevíssimo comentário do uruguaio Carlos Real de Azúa, ao afirmar que as edições de *Ercilla* eram “desalinhadas, mas simpáticas”. Cf. REAL DE AZÚA, Carlos. El inventor del arielismo: Luis Alberto Sánchez. In: *Historia visible e historia esotérica*. Montevideo: Arca, 1975, p. 125.

⁴¹ MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile, p. 156-157.

⁴² Cf. SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile, 1930-1950. *Revista chilena de literatura*, Santiago, n. 72, p. 225, abril de 2008.

Para Bernardo Subercaseaux, um sentimento de “nacionalismo continental” favoreceu a formação dessas redes, com afinidades mais propriamente literárias ou políticas, o que permitiu, por exemplo, ao jovem e desconhecido Mariano Picón Salas aproximar-se, no Chile, de importantes escritores e editores nas décadas de 20 e 30.⁴³ O escritor venezuelano teve três obras publicadas por *Ercilla*: *Intuición de Chile*, *Mundo imaginário* e *Registro de huéspedes*.

Os autores peruanos não foram os que mais publicaram em *Ercilla*, o que reforça os argumentos de Sánchez. Inicialmente Manuel González Prada e Víctor Raúl Haya de la Torre conquistaram um espaço de destaque na editora, posteriormente ultrapassados, em muito, pelo próprio Sánchez. Anunciada como uma “literatura em pleno desenvolvimento”, *Ercilla* selecionou, com critérios políticos e ideológicos, poucos autores peruanos que eram vistos como “mestres de ontem e hoje”.

Assim, não cabem dúvidas que a seleção dos autores peruanos respondeu a um recorte extremamente embasado em afinidades políticas e de condição exílica. Os conservadores peruanos não foram publicados por *Ercilla*. Representantes de setores de esquerda, mas rivais dos apristas tampouco, como o caso de José Carlos Mariátegui.

Considerações finais

Em 1940, Benjamín Subercaseaux procurou a editora *Ercilla* para publicar o seu livro mais renomado até os dias atuais: *Chile o uma loca geografia*. A questão mais curiosa em relação à argumentação central da obra mencionada, consiste em ver que, ao contrário do que pode ser interpretado sobre a história chilena, acima de tudo durante o seu período como país independente, Subercaseaux afirmava que as fronteiras do país o isolavam do contato mais vívido com seus vizinhos, pois ao norte havia um imenso deserto que dificultava o trânsito dos seres humanos, ao oeste o imenso Oceano Pacífico, ao leste o paredão da Cordilheira dos Andes e ao sul o *finis terrae*.

Cabe ressaltar que o Chile, ao longo do século XIX, foi um local de recepção de exilados de seus vizinhos, característica que atingiu seu auge da década de 1930 até o golpe militar de 1973. Mais significativo ainda é o fato de que Subercaseaux publicou *Chile o una loca geografia* por uma editora que albergava muitos exilados de diversas nacionalidades.

⁴³ *Ibidem*, p. 228-229. O venezuelano chegou com 23 anos ao Chile, em 1923, e deixou o país em 1936. Exilou-se devido ao governo ditatorial de Juan Vicente Gómez, entre 1922 e 1935.

Ainda que não tenha albergado todos os exilados oriundos do Peru, entre 1930 e 1945, *Ercilla* transformou-se em um empreendimento editorial transnacional e foi responsável pela construção de uma rede de sociabilidade intelectual que aproximou a luta de muitos peruanos com seus vizinhos chilenos, bem como abriu as portas do mundo das letras para muitos jovens escritores, antes da ascensão dos mercados editoriais da Argentina e do México.

Algumas décadas depois, seria a vez de muitos exilados brasileiros se somarem às páginas da revista *Ercilla*, particularmente após o golpe de 1964. Mas essa é uma história que precisará ser narrada em outra ocasião.

Fontes

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*. Santiago: Tajamar Editores, 2004.

Revista Ercilla, 1935-1945.

Referências

AGGIO, Alberto. *Frente popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

BERGEL, Martín. La desmesura revolucionaria. Prácticas intelectuales y cultura vitalista en los orígenes del APRA peruano. (1921-1930). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*, p. 301-324.

BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (Comps.). *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. 2ª ed. Guatemala: Universidad Rafael Landívar, 2002.

CAVIERES FIGUEROA, Eduardo. *Chile-Perú, la historia y la escuela. Conflictos nacionales, percepciones sociales*. Valparaíso: Ediciones Universitarias, 2006.

CONTRERAS CARRANZA, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporáneo. Desde las luchas por la independencia hasta el presente*. 4ª ed. Lima: IEP, 2007.

COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. *El antiimperialismo y el APRA*. Santiago: Ercilla, 1936.

MANRIQUE, Nelson. “¡Usted fue aprista!” *Bases para una historia crítica del APRA*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.

MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Vol. 2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 146-166.

_____. *Redes e imaginario del exilio en México y América Latina: 1934-1940*. Buenos Aires: Ediciones Libros en Red, 2003.

MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción. Testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: *Políticas de la escritura en América Latina. De la colonia a la Modernidad*. Caracas: Ediciones Escultura, 1997, p. 113-150.

NARVÁEZ, Jorge (Ed.). *La invención de la memoria*. Santiago: Pehuén, 1988.

NERUDA, Pablo. *Nerudiana dispersa II (1922-1973)*. Obras completas V. Barcelona: Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 94-96.

RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, p. 95-105, mar.-abr. 1978.

REAL DE AZÚA, Carlos. *Historia visible e historia esotérica*. Montevideo: Arca, 1975.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Projetos políticos de modernização e reforma no Peru: 1950-1975*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile, 1930-1950. In: *Revista chilena de literatura*, Santiago, n. 72, p. 221-233, abr. 2008.

_____. Editoriales y círculos intelectuales en Chile (1930-1950). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*, p. 567-580.

_____. *Historia del libro en Chile: desde la Colonia al Bicentenario*. 3ª ed. Santiago: LOM Editores, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.